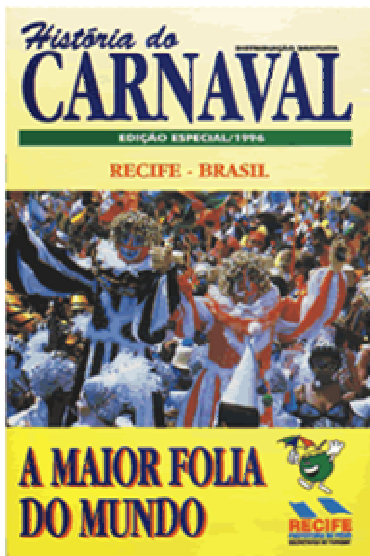




HISTÓRIA DO CARNAVAL 1996

*Claudia Lima



É tudo bastante simples, nem aculturação, nem assimilação, nem etnicidade, nem hereditariedade, nem tão pouco relatividade cultural. É só ouvir, sentir, deixar entrar pela cabeça, tomar todo o corpo e acabar no pé; não há quem resista quando o frevo começa!

A complexidade da hegemonia termina no carnaval, "ao som dos clarins de momo o povo aclama com todo ardor", os quatro dias do reinado da maior manifestação popular do mundo.

O carnaval do Recife tem cheiro, gosto e cor. Alforria a alma e o coração dos foliões, desperta sentidos e sentimentos, resultando nessa explosão de alegria.

A história relata os fatos, mas é na alma do povo que a cultura se estabelece, não é somente ver e ouvir, vai muito além do que qualquer informante, por mais capacitado que seja, possa

expressar. É a consonância na evocação das raízes dessa gente que está construindo com espontaneidade nossa história.

A oportunidade dos disfarces das máscaras e fantasias é única no carnaval, é a ocasião da liberação da criatividade. A sociedade permite, talvez ela mesma retire nestes dias de carnaval a sua própria máscara, e revele sua verdadeira face.

O carnaval acolhe, pluraliza e diversifica a todos os tipos de folguedos, há uma ação de transformação e caracterização de diversos tipos culturais, o importante é que todos se identifiquem e se emocionem.

* Claudia Lima: Graduação em Comunicação Social, Especialização em História do Brasil, Mestra em Gestão de Políticas Públicas pela Fundação Joaquim Nabuco, folclorista, etnógrafa, pesquisadora e escritora.

Site: www.claudialima.com.br

E-mail: claudiarochalima@yahoo.com.br